

+ 60 em Cena

Maria Elisa de Almeida Mariz*

Resumo

Este estudo objetiva conhecer a visão de pessoas com 60 anos e mais de idade, acerca dos elementos que compõem o seu bem-estar. Apresenta resultados de entrevistas realizadas no período de janeiro a fevereiro de 2007, com maiores de 60 anos, residentes nas cidades de São Paulo e Vancouver (Canadá), nos quais são apresentadas suas experiências e atividades praticadas no atual estágio de suas vidas, no que se refere aos aspectos de caráter pessoal, profissional, social, familiar e afetivo.

Abstract

This report aims the study of the elements that comprises the welfare of people from sixty years old. It presents the results of interviews made with people from sixty years old, which lives at the city of Sao Paulo and Vancouver (Canada), whose old experiences and actual activities are detailed and analyzed regarding personal, professional, social, familiar and affective issues.

O Cenário

Seus olhos brilham ao falar dos futuros projetos, que são inúmeros: novas pesquisas para um pós-doutorado, publicação de um livro que está quase pronto e a administração de uma agenda que inclui a produção de alguns artigos para periódicos, participação ativa em seminários e congressos internacionais, *hobbies* (como: caminhar e dançar; tempo para a família e em especial para a neta) (E).

Circulando com dificuldade pela sala de estar segue expondo as inúmeras peças de lã, em tricot, crochê e tear manual, em diferentes tamanhos, cores e modelos, concebidas e produzidas artesanalmente. Retira, pacientemente, de uma imensa caixa, peça por peça, já

* Doutoranda em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de Administração Estratégica em Gestão de Pessoas no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Mogi das Cruzes (SP). E-mail: emariz@uol.com.br

embaladas - pantufas, gorros, cachecóis, suéteres e coletes que, por um momento, ficam expostas sobre a mesa da sala de estar, para deleite do observador (D).

Os comportamentos acima descritos rompem o estereótipo dos que acreditam que idade avançada é sinônimo de estagnação, desânimo, declínio e improdutividade. Os autores desses comportamentos têm respectivamente: (E) mulher, brasileira, 65 anos, (D) homem, canadense, 86 anos. Ela, educadora aposentada, atua como professora universitária, pesquisadora e escritora. Ele, técnico em engenharia, aposentado, sofre de reumatismo nas pernas, anda com o apoio de um carrinho, tem uma rotina de trabalho – voluntário – de 10 horas por dia, em sua casa, fazendo artesanatos que são vendidos nos bazares da igreja do bairro, e cuja renda é destinada a entidades de crianças e idosos carentes.

Nos anos 1970, em seu famoso ensaio sobre a Velhice, Beauvoir dava um alerta sobre as mudanças no envelhecimento como irreversíveis e desfavoráveis – um inevitável declínio. Arrematava tal afirmativa com uma frase, que, de tanto realismo, provoca uma forte melancolia: “Nosso coração se aperta quando, ao lado de uma bela jovem, percebemos seu reflexo no espelho dos anos futuros: sua mãe.” (Beauvoir, 1990: 12) Passar dos 60 anos significa ter muito mais chances de desenvolver os “cinco Is”: insuficiência de órgãos, imobilidade (passar o dia deitado ou sentado), instabilidade (corpo duro, passos miúdos e quedas), incontinência urinária e iatrogenia – complicações decorrentes do tratamento de outras doenças (Westin, 2005). Embora as perdas funcionais com o aumento da idade sejam uma verdade irrefutável, os avanços da medicina têm contribuído para a longevidade do indivíduo à medida em que se descobre a cura para certas doenças, se desenvolvem recursos tecnológicos que recuperam ou melhoram o funcionamento dos organismos debilitados e se instalam próteses, aparelhos e acessórios que potencializam os sentidos da visão e da audição. A indústria de cosméticos tem revolucionado a estética com recursos que atenuam as marcas implacáveis do tempo e o

progresso da cirurgia plástica oferece infinitas possibilidades de rejuvenescimento facial e corporal. Ressalte-se, contudo, que, a despeito dessa multiplicidade de fatores que amenizam as perdas vitais nos seres humanos, eles apresentam um custo elevadíssimo, disponível apenas para uma pequena parcela da população com recursos para tais investimentos.

Os brasileiros vivem hoje mais que o dobro do tempo que viviam há um século. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no ano de 1900 a expectativa de vida média dos brasileiros era de 33,7 anos. Em 2005, data da mais recente Tábua de Vida do IBGE, a população brasileira alcançava a esperança de vida, ao nascer, de 71,9 anos, sendo 68,2 anos entre os homens e 75,8 anos entre as mulheres. A tendência contemporânea parece revelar que os + de 60 anos estão reagindo aos estereótipos associados ao envelhecimento. A idéia de uma etapa de declínio tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos favoráveis para novas conquistas, guiadas pela busca da satisfação e realização pessoal. Debert (2004) lembra que as experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de resgatar velhos projetos abandonados, realizar novos e estabelecer relações profícuas com pessoas jovens, maduras e idosas.

Este artigo trata de pessoas que passaram dos 60 anos e continuaram na busca contínua para encontrar possibilidades de melhorias em suas vidas, nos aspectos: profissional, familiar, afetivo, social e pessoal. Tem por objetivo conhecer os elementos que compõem o bem-estar dessas pessoas, o seu estilo de vida e as suas ocupações. O contato mais estreito com o tema “idosos” teve início com o projeto para o Doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP em 2005. O primeiro mergulho no tema deu-se com uma revisão bibliográfica e leituras em periódicos objetivando formar um embasamento teórico sobre as tendências no estilo de viver e nas preferências dessas pessoas. Em busca de respostas às questões que foram sendo delineadas, fez-se uma aproximação com pessoas ‘idasas’

na tentativa de desvelar, pela prática da empatia, aquilo que o exercício teórico revela na logicidade conceitual. Assim, pela observação e escuta empreendeu-se a idéia de repensar os modelos de homogeneização da velhice, de desconstruir estereótipos, de quebrar paradigmas e, por conseguinte, entender o significado dessa fase da vida que, embora traga em seu bojo a proximidade do fim – a morte, em condições favoráveis, pode ser encarada como uma fase de satisfação e otimismo em sua totalidade. “Envelhecer não é seguir um caminho já traçado, mas, pelo contrário, construí-lo permanentemente” (Novaes *apud* Stano, 2000: 16).

Na atual sociedade os termos “velho” e “idoso” trazem em si, uma conotação pesada, feia e negativa. Outrora, os índios nambiquaras utilizavam uma única palavra para dizer jovem e bonito e uma para velho e feio (Levi-Straus *apud* Beauvoir, 1990: 12). Na tentativa de suavizar esse efeito, inúmeros eufemismos como: terceira idade, melhor idade, boa idade, inativos, são usados na mídia, nas universidades, empresas de turismo e pela sociedade em geral quando se referem a pessoas de 60 anos e mais de idade. Nos primeiros contatos com os sujeitos convidados a participar deste estudo, concedendo uma entrevista, ao explicar o tema da pesquisa notou-se, por parte deles, um velado sentimento de rejeição toda vez que se usava a palavra “idoso”. Assim, na busca de um título que expressasse, de forma clara e objetiva, o estágio de vida do sujeito pesquisado, optou-se pelo termo: + de 60 anos, um novo eufemismo: matemático.

Uma viagem a Vancouver – Canadá, em janeiro de 2007, possibilitou a realização das entrevistas com pessoas residentes naquela cidade, seguidas das entrevistas com brasileiros residentes em São Paulo - Brasil, em fevereiro de 2007. Para este artigo, adotou-se o critério de pesquisar pessoas com 60 anos e mais de idade em consonância com a Lei 10741/03, art. 1º que considera “idoso” as pessoas a partir dessa faixa etária.

O script (roteiro)

Na seleção das pessoas a serem entrevistadas o critério adotado foi o de que tivessem mais de 60 anos, boas condições de saúde e exercessem alguma atividade do tipo: física, trabalho remunerado e/ou voluntário, artesanatos, entre outros. Nas duas cidades, contou-se com o apoio de amigos para selecionar os sujeitos, após explicar-lhes a finalidade da entrevista e fazer uma breve explanação sobre as questões a serem feitas. No Brasil, nesse breve esforço de encontrar voluntários para a realização da pesquisa, quatro homens contatados não manifestaram interesse em participar. As mulheres brasileiras, bem como os sujeitos canadenses, aderiram à participação logo ao primeiro convite e ao final da entrevista, se mostraram satisfeitos por terem participado.

Para a entrevista foi utilizado um roteiro composto de dois blocos. O primeiro, com informações sócio-econômicas (gênero, idade, estado civil, número de filhos e netos, escolaridade, renda, naturalidade, condições de moradia) e, no segundo, informações sobre a ocupação, estilo de vida, condições de saúde, esportes, *hobbies*, lazer, religião e relacionamento social. A utilização do roteiro objetivou a organização dos dados sem, no entanto, engessar as respostas. Os sujeitos foram estimulados a falar de forma espontânea, o que possibilitou, em alguns casos, maior riqueza de informações.

Os sujeitos

No total foram entrevistados 8 sujeitos, 4 residentes na cidade de Vancouver e 4 em São Paulo (SP).

Residentes em Vancouver (3 mulheres e 1 homem)

Mulheres

(A) 68 anos, italiana, viúva, aposentada, residente em Vancouver desde 1971, 2 filhos, 3 netos, gosta de cozinhar e pratica jardinagem.

(B) 60 anos, grega, segundo casamento, aposentada, iniciou uma segunda carreira, residente em Vancouver desde 1960, tem dois filhos e uma neta.

(C) 65 anos, americana, casada, aposentada, trabalho voluntário na recuperação de mulheres viciadas em drogas, residente em Vancouver desde 1962, tem 5 filhos e 8 netos.

Homens

(D) 86 anos, canadense, viúvo, aposentado, ocupa-se com artesanato, mora em Vancouver desde o seu primeiro ano de vida, tem 3 filhos e 3 netos.

Residentes em São Paulo (3 mulheres e 1 homem)

Mulheres

(E) 65 anos, brasileira, divorciada, aposentada, iniciou uma segunda carreira – professora universitária e pesquisadora, tem duas filhas uma neta.

(F) 78 anos, brasileira, viúva, pensionista, tem 4 filhos e 7 netos. Faz inúmeros trabalhos manuais, serviços domésticos e é cuidadora de dois netos.

(G) 60 anos, brasileira, casada, aposentada, tem duas filhas. Eventualmente faz trabalhos voluntários. Cuida do dia-a-dia de vida doméstica.

Homens

(H) 67 anos, brasileiro, divorciado, aposentado, iniciou uma segunda carreira, é gerente comercial de um Jornal.

Os sujeitos residentes em Vancouver são aposentados, porém todos exercem algum tipo de atividade. Moram em boas casas, bem localizadas, têm bom relacionamento com a família e praticam uma religião. (A), (B) e (C) gozam de excelente saúde, utilizam-se apenas de vitaminas e cálcio. (D), sofre de reumatismo crônico nas pernas o que lhe causa muitas dores, anda com dificuldade apoiado em um carrinho. Faz uso de remédios para dor, toma cálcio e vitaminas, totalizando 6 tipos diferentes.

Os brasileiros residentes em São Paulo também são aposentados, têm uma renda variável de 6 a 17 salários mínimos, moram em boas residências, nos bairros: Saúde e Jardim Paulistano, três deles desfrutam de boas condições de saúde, fazem uso de remédios como hormônios e vitaminas. (F) sofre de Mal de Chagas faz uso de remédios específicos para a doença além dos complementos vitamínicos apropriados para a sua idade. (E) e (H) trabalham regularmente com carga horária de mais de 8 horas diárias, além de tocarem outros projetos paralelos nas suas respectivas áreas: educadora e publicitário. (F) e (G) são descendentes de japoneses, dedicam-se às atividades domésticas e a cuidados com a família. (F) faz trabalhos manuais como crochê e tricô. Suas peças são destinadas a pessoas da família e a Instituições de assistência a crianças carentes e deficientes visuais. (G) participa de um coral, tem ensaios constantes e, periodicamente, canta para os pacientes do Hospital Santa Cruz no bairro da Vila Mariana - São Paulo.

Os sujeitos em cena

Trabalho

Os sujeitos apresentaram certa unanimidade na forma de pensar sobre o trabalho e no bem-estar que ele lhes possibilita. Para estes sujeitos, o trabalho e as atividades realizadas rotineiramente, funcionam como o combustível para mantê-los ativos e como um meio de manter contato com outras pessoas de diferentes gêneros, formação cultural e idades. As práticas vividas no trabalho se confundem com o próprio cotidiano do indivíduo. O trabalho assume para o indivíduo não apenas um meio de sobrevivência, mas a sua inserção no sistema de relações econômicas e sociais (Weber, 2004).

Durante 25 anos atuei como designer de moda. Com o meu primeiro marido, tive uma fábrica de roupas jovens (tipo jeans) e as comercializávamos em três lojas na cidade de Vancouver. Com a morte do meu marido, vendi tudo e me aposentei. Passei dois anos em casa e quase morri de tédio. Voltei a trabalhar (B).

Com a morte do meu marido eu me sinto muito sozinha. Adoro cozinhar, assim eu preencho o meu tempo. No verão cuido do jardim, procuro me manter ocupada para não pensar em coisas tristes (A).

No atual cenário social, parece-nos que, para muitas pessoas o ato de trabalhar está ligado a uma necessidade humana de realização e sua interrupção ou impossibilidade pode desencadear sentimento de culpa, de impotência, de incompetência e de fracasso. A vida sem o trabalho provoca no indivíduo uma sensação de perda de sentido e de identidade, levando-o a uma exclusão social. O trabalho atua como um referencial que conecta cada indivíduo a seu “mundo real”, à medida que ele encontra no trabalho, oportunidades para atingir seus objetivos de vida e mais, seus objetivos de satisfação interior, aqueles situados no mais alto nível de prioridade individual. A satisfação está relacionada com os fatores de motivação intrínseca, como por exemplo: a realização pessoal, a responsabilidade, o trabalho em si e o reconhecimento do esforço pessoal (Herzberg *apud* Bergamini, 2003). A ruptura com o mundo profissional pode ser vivida de maneira traumática, com um sentimento de que uma parte da própria história desapareceu, eliminando a esperança de um futuro.

O problema nas minhas pernas dificulta a minha locomoção, me trouxe limitações, mas trabalho com as mãos, faço os meus artesanatos. Quando a posição se torna incômoda e as costas doem, eu mudo de cadeira. Se sinto um novo desconforto, mudo o tipo de trabalho, troco a cor da linha, o tipo da agulha, cozinho, faço geléias com as frutas que colho no quintal, faço pão. Ocupo a minha mente o tempo todo. Esse é o meu segredo (D).

Acho a aposentadoria uma coisa boa à medida que ela possibilita uma renda mínima para a sobrevivência. Aposentei em 1990, por tempo de serviço, aos 51 anos de idade, mas nunca parei de trabalhar e o faço não apenas pelo dinheiro, mas para me sentir útil. Comecei a trabalhar aos 12 anos e nunca mais parei. Sempre conciliei trabalho, estudo, casa e família. Tenho 67 anos e não penso em parar, não planejo nada disso (H).

Se hoje, a esperança média de vida do brasileiro, ao nascer, é 71,9 anos, isso significa que alguém que se aposentou aos 50, depois de 30 ou 35 anos de trabalho, ainda poderá ter mais de 20 anos de vida útil e saudável, com totais condições e possibilidade de trabalhar e

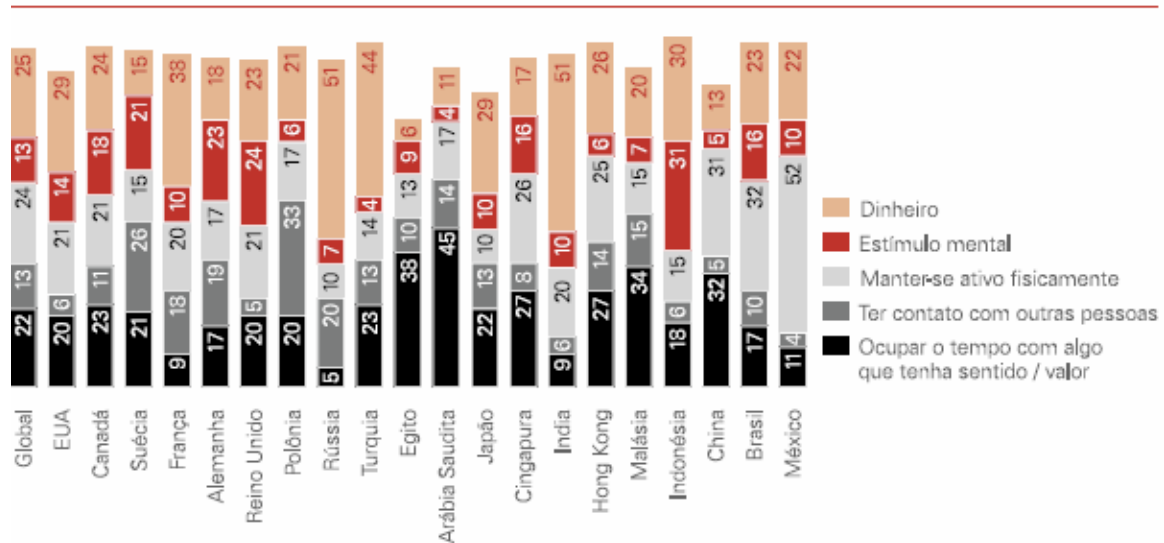
começar uma segunda carreira. Há uma tendência a se continuar trabalhando não somente por razões financeiras, mas também por questões de realização pessoal, de sentir-se útil, de ocupar-se, de ser desafiado intelectualmente. As pessoas aposentadas que resolvem iniciar uma segunda carreira normalmente buscam atividades que lhe tragam mais prazer e que possam contemporizar trabalho com uma boa qualidade de vida, reconhecimento, realização pessoal, muito mais do que as moedas clássicas: dinheiro, status e poder. A experiência adquirida no trabalho e na vida social, na trajetória de uma vida, pode se transformar em capacidade de fazer melhores escolhas e ter maior serenidade nos julgamentos.

Considero a atual fase, aposentada, a melhor da minha vida porque já eduquei as minhas duas filhas, tenho mais tempo para me dedicar a atividades que gosto (Tai Chi Chuan, bailado japonês), e mais flexibilidade nos meus horários (G).

Um relatório de autoria do *Oxford Institute of Ageing* – Integrante da Oxford University, realizado pelo HSBC em mais de 20 países, entrevistou mais de 21.000 pessoas acerca de questões relativas ao trabalho, a aposentadoria, a longevidade e sobre o tipo de atividade que elas querem fazer após a aposentadoria. Os motivos para continuar trabalhando variam conforme o país (figura 1).

Figura 1 – Pesquisa realizada pelo HSBC em mais de 20 países

Motivos das pessoas para querer trabalhar na sua idade avançada (em porcentagem)



Fonte: HSBC Future of Retirement Research 2006

Na análise dos dados deu-se ênfase às respostas do Brasil e Canadá por representarem os países de residência dos sujeitos entrevistados. Os principais motivos que levam as pessoas a trabalhar após a aposentadoria são:

- 1) **Ocupar o tempo com algo que tenha sentido e valor** – as afirmações dos Canadenses: 23% estão 1 ponto percentual acima da média global dos países pesquisados e 6 pontos acima das afirmações dos brasileiros;
- 2) **Manter-se ativo fisicamente** – os brasileiros se destacam nessa preferência assumindo um percentual de 32, seguidos pela média global 24% e dos canadenses 21%;
- 3) **Dinheiro** – na média global o dinheiro representa um quarto dos motivos que levam as pessoas a trabalhar na idade avançada. Para brasileiros e canadenses os resultados estão bem próximos dessa média, na ordem de 23 e 24%.

Utilizar o trabalho como um meio de ocupar o tempo é uma estratégia que pode dar resultados positivos, principalmente se são respeitadas as limitações do organismo, no caso em questão: os + de 60 anos. O trabalho possibilita oportunidade de contatos com diferentes pessoas e a comunicação mantém a mente ativa. “O aspecto emocional

do trabalho é muito importante porque preserva a identidade pessoal. A inatividade profissional traz prejuízo mental e pode provocar episódios de depressão, especialmente nos homens” (Vieira, 2006: 1). Na matéria desse autor, encontram-se depoimentos de vários profissionais: médicos, artesãos, músicos, jornalistas e escritores com idades situadas entre 90 e 96 anos, que mantêm uma rotina diária de trabalho, pontuada de bom humor, motivação e prazer. Segundo a opinião desses “noventões” é no trabalho que eles encontram o segredo da longevidade.

Social

O relatório realizado pelo HSBC, já mencionado neste estudo, aponta que as pessoas, dos 20 países pesquisados (incluindo Brasil e Canadá), vêm na idade avançada, maiores possibilidades de intensificar o relacionamento com familiares e amigos. Essas expectativas, segundo o relatório, favorecem o surgimento de uma visão positiva e satisfatória em relação à velhice. Segundo dados do IBGE - Censo de 2000, existe no Brasil uma população de 15 milhões de idosos, sendo 1 milhão na cidade de São Paulo. Desse montante tem-se um percentual de mulheres da ordem de 53,13 e de 46,83 o percentual de homens, segundo pesquisa realizada pela Prefeitura de São Paulo (Duran, 2007). A estimativa do IBGE é que em 2020, a população de idosos no Brasil e na cidade de São Paulo dobre, chegando a 30 milhões e a 2 milhões respectivamente. No Canadá, país que oferece excelente qualidade de vida aos seus cidadãos, inclusive aos seus idosos, a população dos maiores de 65 anos em 1990 era de 3,8 milhões de idosos, 12% da população, e estima-se que em 2041 esse percentual aumente para 23% (Chappel, 2001).

Com o aumento da expectativa de vida, espera-se que a longevidade estreite a convivência entre os mais idosos e os seus familiares adultos, jovens e crianças. Para Cruz (2007), uma pessoa que em 2006 driblou os riscos de morrer até os 70 anos de idade pode, em média, chegar aos 85 anos e, portanto, terá chance de proximidade com várias gerações de sua e de outras famílias. Em tese, viverá perto de

filhos, netos, bisnetos e, em alguns casos, tataranetos. Nos Estados Unidos e Canadá foi quebrado o mito de que os filhos abandonam seus pais a viverem sozinhos, abandonados e distantes. As pesquisas evidenciam a preferência, tanto dos filhos, como dos pais, a viverem em lares separados, independentes, mas mantendo um estreito relacionamento. No Canadá, a maioria dos idosos que moram sozinhos, mantém contato semanal com, pelo menos, um dos filhos (Chappel, 2001).

Sinto-me bem quando estou próxima aos meus netos. Desde que fiquei viúva e perdi a filha solteira com quem morava, passei a morar com a minha filha R. Família Japonesa é assim, os filhos cuidam dos pais e eu me sinto muito bem com minha filha, meu genro e meus netos (F).

Os mais de 60 anos representam, hoje, quase 10% da população brasileira. Tal avanço com tendência de alta é um fenômeno global e, se de um lado merece maior atenção por parte dos governos no tocante às políticas públicas, no âmbito social e previdenciário, por outro merece a atenção da sociedade e das famílias para a possibilidade de um longo convívio intergeracional que se espera seja rico e proveitoso dentro e fora dos lares.

Tenho um ótimo relacionamento com a minha família. Sempre fui respeitada por eles, acho que todos têm orgulho de mim. Tenho muitos amigos e continuo fazendo mais amizades. Tenho contato com amigos do tempo do ginásio (atual nível fundamental). Procuro estar sempre com a cabeça ativa, ter contatos com pessoas de todas as idades, embora prefira me relacionar com pessoas mais jovens e o meu trabalho me possibilita isso (E).

O estilo de vida da atual sociedade caracteriza-se pela nuclearização da família e o conseqüente distanciamento entre as gerações, especialmente nas áreas urbanas das grandes metrópoles, onde se verificam campos bem demarcados entre o mundo do filho que fica o dia na escola, o dos pais que trabalham fora e o dos avós que, mesmo na eventualidade de morarem próximos, via de regra, tem pouco convívio com os netos. Aliados a esses fatores, somam-se a total acessibilidade à televisão e os efeitos da cultura de massa alterando

valores, costumes e principalmente as rotinas de convívio entre os membros das famílias. Os brinquedos eletrônicos, os filmes em DVD, os videogames e a internet substituem hoje os vovôs de outrora, verdadeiros contadores de histórias. Atividades que aproximem as gerações, apoiados numa ação pedagógica e educativa, poderão contribuir no resgate de práticas tão essenciais ao convívio intergeracional. Nesse sentido, Ferrigno (2006) menciona a estratégia utilizada pelo Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo, em ações educativas, para aproximar crianças, jovens, adultos e idosos. Em determinadas atividades o idoso ensina algo para crianças e adolescentes, como, por exemplo, os projetos que envolvem contação de histórias; em outros o processo se inverte. No projeto - Internet Livre, os adolescentes ensinam idosos a navegarem na rede digital. Com diversos graus de intensidade, todas as atividades tendem a se caracterizar pela educação recíproca.

Na minha trajetória de vida, tive momentos difíceis. A fase em que as minhas crianças nasceram foi especialmente bela, todavia, o momento atual, é a minha melhor fase. Não lamento as lágrimas passadas, não reivindico as alegrias vividas, os bons e os maus momentos do passado me tornaram na pessoa que sou hoje. E eu estou muito bem porque sei que posso ajudar outras pessoas, sejam elas adolescentes, jovens, adultas, ou com a minha idade. Só trabalho com mulheres, porque este é o meu universo. Mais que os livros, uso a minha experiência de vida para ajudar as pessoas. Esse é o meu trabalho (C).

O depoimento de (C) reforça a importância que deve ser reconhecida no convívio entre as diferentes gerações. As experiências de vida quando transmitidas pelos seus autores de forma presencial, olho no olho, face a face, permitem uma maior assimilação e riqueza no processo de aprendizagem. Por mais simples e elementar que seja a história de uma vida, haverá sempre muita coisa a ser ensinada. Nesse sentido vale lembrar o filósofo: “é preciso ter atingido uma certa idade para possuir a *frenosis*, esta sabedoria prudente que permite conduzir-se com equidade, e para ter acumulado experiência, saber incomunicável porque vivenciado e não abstrato” (Aristóteles *apud* Beauvoir, 1990: 136).

Conclusão

Sendo a velhice uma etapa da vida que pode resultar em certo tipo de exclusão (familiar, social, cultural, econômica), as tendências parecem indicar que novas posturas começam a surgir à medida que as pessoas identificam, na longevidade, possibilidades de um prolongamento de vida ativa, saudável e com qualidade. Nesse contexto, as pessoas buscam meios que, em circunstâncias favoráveis, permitam-lhes dirigir e conduzir, elas próprias a sua vida na velhice, porque: “a velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade.” (Bobbio, 1997: 29). Assim, no bojo dessas novas posturas, as revelações dos sujeitos aqui entrevistados vão aos poucos construindo – aos olhos do observador – um cenário bastante favorável, de fartas colheitas, porém de uma interminável e constante labuta. Os frutos do presente são resultados de esforços bem arranjados e trabalhados em estágios anteriores, e de forma cíclica, o hoje construirá o amanhã.

A velhice reflete nossa visão da vida e modifica nossa atitude em relação a ela, segundo a maneira pela qual concebemos a vida, como uma inacessível montanha que temos de escalar, ou como um rio onde estamos imersos e que corre lento para a foz, ou como uma selva na qual vagamos sempre incertos sobre o caminho a seguir para chegar a uma clareira (Bobbio, 1997: 29).

As tendências mostram que parte da sociedade hoje, tem investido em estilos de vida mais saudável. Os cuidados com o corpo, com a saúde e com a alimentação se inserem numa filosofia de longevidade. A reciclagem na formação educacional e profissional revelam uma preparação para uma velhice ativa e criativa. A evolução das tendências soa bastante promissora principalmente quando se constata que em nenhuma etapa da história somou-se tantas pessoas vivendo além dos 60 anos, como no atual momento. A atual geração vive o efeito de um grande paradoxo: o privilégio da longevidade e uma missão incomparavelmente desafiadora – viver além dos 60.

As pessoas aqui entrevistadas, a despeito de suas singularidades, revelam preferências comuns em suas falas como, por exemplo, o desejo

ou a expectativa de uma vida longa e saudável, a ênfase dada a importância do relacionamento com a família e amigos e a realização advinda do trabalho: remunerado ou voluntário. Em sua maioria denota ter elaborado um bom planejamento para a atual fase da vida sem, no entanto, demonstrar maiores temores de um fim próximo. Quando discorrem sobre a velhice, parecem falar de algo que lhes é alheio, que diz respeito ao outro:

A velhice é feia, mas eu a respeito, e a admiro muito (E).

Surpreendo-me quando me chamam de senhor. Não faz muito tempo eu era um garotinho a espera da maioridade para ir ao cinema assistir aos filmes proibidos para menores de 18 anos (H).

Ouvir os sujeitos para esse artigo foi um exercício de respeitosa curiosidade acerca das suas visões, da sua relação com a vida, da sua cotidianidade, do seu ir e vir, do seu fazer, do seu sentir e pensar. As suas falas revelando os seus sentimentos e o otimismo frente às adversidades, certamente trarão novas contribuições aos que querem conhecer o universo dos mais de 60, por eles mesmos, nesta pequena amostra. Isto posto, considera-se que o objetivo do estudo fora alcançado. Foi revelada, quase por unanimidade entre os sujeitos, uma forte expectativa de eles serem ouvidos, ao manifestaram os seus apelos nas seguintes falas: ouçam os idosos; conversem com os idosos; cedam espaço para os idosos mostrarem as próprias experiências.

Espera-se que essas ricas e valiosas experiências de vida que ora vieram à tona, contribuam para aumentar a consciência de um maior entendimento entre as diferentes gerações e quiçá nas diferentes culturas. Por fim, registramos a fala de um dos sujeitos de Vancouver-Canadá, que iniciou a entrevista com a seguinte afirmação: “People are people any place, languages are different but feelings are the same¹”(D, canadense, 86 anos)

¹ Livre tradução da autora: A língua e a cultura são diferentes, mas os sentimentos das pessoas são os mesmos em qualquer lugar.

Bibliografia

BERGAMINI, Cecília W. (2002/2003). *Motivação: uma viagem ao centro do conceito*. São Paulo: *Era Executivo*, v.1, n. 2, nov./jan.

BEAUVOIR, Simone (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BOBBIO, Norberto (1997). *O tempo da Memória: De senectute e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Elsevier.

CHAPPELL, Neena L. (2001). *Canadian Social Policy and Ageing*. Report a University of Victoria. <http://www.chairs.gc.ca/web/chairholders/profile>. Acesso em: 19/02/2007.

DEBERT, Guita Grin (2004). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.

DURAN, Sérgio (2007). Sociedade. *Jornal O Estado de S. Paulo*, 08/03. São Paulo: Caderno Cidades/Metrópole, p. C 11.

FERRIGNO, José Carlos (s/d). *A co-educação entre as gerações na informalidade do lazer e as atividades culturais*. <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/ect6.htm>. Acesso em 06/11/06.

GARCIA, M. A.A. *et al* (2005). Senior citizens in the limelight: the discourses of illness. *Intefface*, set./dez., v. 9. n. 18. p. 537-52.

BRASIL. <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm> Acesso em 06/02/2006.

WEBER, Max (2004). *Ciência e Política: duas vocações*. 12ª. Ed. São Paulo: Cultrix.

OXFORD INSTITUTE OF AGEING (2006). Relatório: *O futuro da aposentadoria: o que o mundo quer*. HSBC.

STANO, Rita de Cássia M. Trindade (2000). *Ser-professor tempo do envelhecimento: professoralidade em cena*. (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica-PUC/SP.

VIEIRA, Fernando (2006). Noventões na Ativa. *Diário do Comércio*, 27/10 a 29/10. São Paulo: Caderno Cidades, p.1.

WESTIN, Ricardo (2005). 600 Geriatras para 16 milhões de idosos. *O Estado de S. Paulo*, 11/12, Caderno Vida, p. A22.